

Uma carta para o rei

Pobre daquele pintinho!

Nasceu pelado e feioso. Não havia no galinheiro quem não implicasse com ele, quem não o maltratasse. Eram os patos, as galinhas, os galos, os perus e até os marrecos.

Quando achava uma quirera de milho, lá vinha algum galo e – *zap!* – tomava dele. Se descavava uma minhoca, lá vinha um peru e, a poder de bicadas, expulsava o pintinho e ficava com o achado! A vida do pobre peladinho era um verdadeiro inferno!

Cansado de tudo aquilo, o pintinho resolveu protestar ao rei. Só o rei, para acabar com aquela injustiça! Era isso! Ele tinha de levar uma carta de protesto ao rei!

Ciscou pelo galinheiro e achou um papelzinho jogado. Para ele, qualquer papelzinho era uma carta.

Todo feliz com o achado, pegou um saco, encheu-o de milho para a viagem e foi a caminho do palácio do rei, com o papelzinho no bico.

Andou, andou, até que encontrou uma raposa.

– Aonde vai, pinto pelado? – perguntou a raposa.

– Vou ao palácio do rei, entregar esta carta – respondeu ele.

– Ai, que vontade de ir com você!

– Pois venha. Entre no saco e vamos embora!

A raposa aceitou o convite e lá se foi o viajante pelo caminho.

Chegou à beira de um riozinho de águas claríssimas. E o rio quis saber para onde ia aquele pinto pelado com saco nas costas.

– Vou ao palácio do rei, entregar esta cartinha.

– Posso ir também? – pediu o rio.

– Claro que pode! – aceitou o pinto pelado, enrolando o rio como se fosse um tapete e enfiando-o no saco.

Na curva seguinte, encontrou um ouriço que ficou muito assanhado com a viagem do pinto pelado. Pediu, e o pintinho colocou o ouriço no saco, recomendando que encolhesse os espinhos, para não cutucar os outros ocupantes.

Andou que andou, até que chegou ao palácio do rei. Era um palácio belíssimo, cheio de janelas e de guardas.

O pintinho foi-se chegando ao grande portão de entrada e declarou:

– Sou o pinto pelado! Venho aqui entregar uma carta ao rei!

Os guardas acharam estranho aquele pinto com papelzinho no bico, mas resolveram levá-lo ao rei.

– Qui-qui-ri-qui-qui! – fez o pinto pelado, empolando o peito e estendendo o bico com a carta para o rei, que estava sentado no seu trono.

O rei pegou aquele papelzinho amassado, olhou dos dois lados e, vendo que aquilo era apenas um pedaço de lixo, ficou furioso:

– Que desaforo! Esse pinto veio aqui para me ofender? Guardas! Peguem já esse desaforado e carreguem-no para o galinheiro! E amanhã, para o almoço, mandem fazer uma bela canja com esse malcriado!

Pobre do pinto pelado! Estava de novo em um galinheiro e, pior, condenado à morte!

Como sempre acontecia com ele, lá vieram as galinhas, os patos, os perus e os marrecos. Caíram de bicadas em cima do novo ocupante do galinheiro, com uma fúria sem tamanho!

O pinto pelado estava apavoradíssimo. Recuava para o fundo do galinheiro, fugindo dos atacantes, quando ouviu a voz da raposa, de dentro do saco:

– Tire-me daqui, pinto pelado. Pode deixar que dessas penas cuido eu!

O pinto pelado abriu a boca do saco e de lá chispou a raposa, investindo na mesma hora em cima daquela galinhada, daquela peruzada, daquela pataiada e daquela marrecada toda.

Foi um esparramo nunca visto! Pena pra todo lado, co-co-cós, qua-qua-quás e glu-glu-glus de socorro!

Livre daquele problema, o pinto pelado pulou a cerca do galinheiro e ganhou a estrada.

Ah, o rei ficou furioso quando soube da fuga! O pinto pelado e desaforado não poderia escapar assim, sem mais nem menos:

– Atrás dele, guardas! Tragam esse safado aqui, com todas as suas penas!

O pintinho corria como um doido, mas como escaparia dos cavaleiros do rei?

De dentro do saco, ouviu outra voz. Dessa vez era o rio que falava:

– Tire-me daqui, pinto pelado! Agora o problema é comigo!

O pinto desenrolou o rio de dentro do saco e, na mesma hora, o rio estendeu-se entre o perseguido e os perseguidores.

Deu certo. Bem, pelo menos deu certo durante algum tempo, pois o pinto pelado conseguiu livrar uma boa distância até que os soldados conseguissem barcos para atravessar o rio.

Demorou um pouco, mas logo lá estavam os guardas se aproximando do pinto pelado.

– Tire-me do saco, pintinho amigo! – era a voz do ouriço. – Que dos soldados me livro eu!

Mal o ouriço saltou para fora do saco, espalhou espinhos para todos os lados, espinhos que se multiplicaram, ocuparam toda a redondeza e formaram uma barreira de espinheirais que não havia tropa que pudesse ultrapassar!

Orgulhoso, o pinto pelado cantou com toda a força:

– Qui-qui-ri-qui-qui!

Daí percebeu onde estava. De volta ao galinheiro onde nascera! E agora? Antes que pudesse fazer alguma coisa, lá vieram as galinhas, os patos, os perus e os marrecos. A raposa, o rio e o ouriço já tinham prestado seus serviços e tinham sumido no mundo. Ele agora estava sozinho, no papo dos inimigos!

Mas o que estava acontecendo? As galinhas vieram rodeá-lo, cheias de dengues e não me toques, cheias de vem cá meu galinho e ai mas olha que graça e coisas que tais.

O que tinha acontecido?

Tinha acontecido que a viagem do pinto pelado tinha demorado um tempão. O pintinho crescera e agora era um belíssimo galo!

Ninguém mais tinha coragem para provocá-lo. Curtido nas experiências da viagem, o pinto pelado era agora o rei do galinheiro!

E o pinto pelado, que tinha virado um galo penudo, subiu no ponto mais alto do galinheiro e cantou seu canto de vitória:

– Co-co-ri-cóóó!